

Parlamento Jovem – a voz de um repórter

No dia 14 e 15 de maio de 2018, os alunos da Escola Secundária Coelho e Castro, Fiães/ Feira, Inês Sousa, Érica Martins e o autor deste texto, estiveram na Assembleia da República em representação das Escolas do distrito de Aveiro, envolvidos no Projeto *Parlamento dos Jovens*.

Jovens alunos, deslocámo-nos à sede da democracia portuguesa com o intuito de levar a nossa voz e o nosso contributo para a promoção de um mundo mais justo e igualitário, promovendo, deste modo, uma iniciativa que visava uma melhoria das condições da igualdade de género. Acompanharam-nos as professoras Helga Feixeira e Virgínia Sá.

Este desafio começara no início do ano escolar, tendo sido promovida na Escola uma salutar discussão sobre o tema “Igualdade de género”, proposto pela equipa responsável pelo projeto. Apresentaram-se listas sujeitas a sufrágio, para eleger os deputados que iriam debater o tema em Assembleia.



Naquela manhã, quando cheguei a Assembleia da República não queria acreditar no que estava acontecer comigo, porque uma coisa é ver na televisão um lugar como aquele, cheio de simbolismo e de deputados “a sério”, que o País conhece, outra coisa é *eu próprio* estar na Assembleia da República! Eu, um rapaz que vê notícias como toda a gente e que é igual a todos os outros, eu, na Assembleia da República... foi um verdadeiro sonho! Logo à entrada, premiados e repórteres, como eu, tivemos o privilégio de fazer uma visita guiada ao edifício. Durante a mesma fui interligando matéria dada nas aulas (imagina-se para que serve, afinal, a matéria!) com aquilo que ia ouvindo e via representado nos quadros que nos iam sendo explicados. Privilégio de repórter, também, a oportunidade de me sentar numa das cadeiras onde os deputados “a sério” permanecem quando debatem os diversos assuntos.

Posto tudo isto, chegou o momento da verdade, pois a visita guiada acabara, deixaríamos de ser meros estudantes e passaríamos a ser tratados como uns verdadeiros deputados e repórteres.

Não escondo o desejo que tive de ser deputado, contudo, o que me levava ali era escrever esta reportagem... a grande reportagem, sobre um tema que me era tão familiar! Não foi fácil ouvir alguns dos argumentos apresentados sobre aquilo que estava a ser discutido, cheguei mesmo a perguntar aos restantes jovens que estavam ao meu lado que, tal como eu, eram repórteres, se podia intervir e dar a minha opinião, mas soube cumprir o meu papel. Confesso, agora, à distância, que as coisas foram ainda mais difíceis quando começaram a falar da lei da autodeterminação de género, pois, enquanto jovem transexual, muito antes de ser repórter desta missão, não foi fácil ouvir o debate, sobretudo quando sei perfeitamente aquilo que sou e que, em nada, se resume a uma mera questão de falta de maturidade. Quando acabou a sessão, os repórteres tiveram a oportunidade de colocar questões aos deputados... afinal tinha valido a pena esperar!



Destacaria, durante a discussão que se gerou, a resposta a uma questão feita a um deputado do bloco de esquerda “Qual a sua opinião acerca da possibilidade de um terceiro género, sendo esta opção introduzida no Cartão de Cidadão? Ele respondeu “nós temos de saber se é uma questão médica ou pessoal.” Realçou a

importância de nos afastarmos da questão médica, dizendo que durante anos, a homossexualidade era vista como uma doença e ultrapassamos esse estigma e por isso não faz sentido pedir um relatório médico.

Para concluir é importante referir que estes projetos são fundamentais na formação e educação de cada jovem envolvido, visto que nos chamam a defender princípios que deviam ser aceites por todos e não o são. Permite, além disso, aprendermos vivenciando as situações, em vez de nos ficarmos pela distância do ecrã ou do mundo virtual. Considero que é uma mais-valia para todos os jovens, para mim foi um privilégio ser repórter para vos reportar esta nossa experiência!



M.R. Mendes, jornalista da Escola Básica e Secundária Coelho e Castro